

UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE O POVOAMENTO ROMANO NO CONCELHO DE VILA VIÇOSA

André Carneiro*

1. Âmbito do presente estudo

O propósito do presente artigo centra-se na tentativa de ensaiar uma interpretação sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa. Resulta de um projecto mais alargado, consubstanciado na tese de doutoramento intitulada *Povoamento rural no Alto em Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*¹, onde para cada concelho da área em estudo se procedeu a um inventário comentado de cada um dos sítios arqueológicos de época romana conhecido ou identificado, antecedido de alguns comentários de enquadramento geográfico e historiográfico. Portanto, o presente artigo pretende divulgar o capítulo então apresentado sobre o concelho de Vila Viçosa. Apenas se procedeu a algumas correcções de frases ou raciocínios que se entendeu clarificar, respeitando-se o que então foi escrito.

Note-se ainda que o estudo citado visava proceder a uma síntese de conhecimentos sobre os sítios com ocupação romana em todo o distrito de Portalegre e ainda nos actuais concelhos de Estremoz, Borba e Vila Viçosa. Para tanto foi necessário consultar todas as fontes de informações possíveis, mesmo as não publicadas, como relatórios de trabalhos arqueológicos, teses académicas ou planos efectuados em âmbito autárquico (Planos Directores Municipais, Planos de Pormenor, etc.). Em cada concelho foram feitas algumas prospecções para procurar confirmar essas informações no terreno e para proceder à geo-

* CHAIA/Universidade de Évora

¹ Carneiro, 2011. O texto relativo ao concelho de Vila Viçosa publica-se no volume II, pp. 337-348.

-referenciação de coordenadas, visto que um dos propósitos passava também para criar um modelo de análise territorial em Sistema de Informação Geográfica². Note-se contudo que os trabalhos de prospecção no terreno foram muito localizados e raramente feitos de forma sistemática (dada a enorme extensão territorial em estudo), pelo que só pontualmente foram identificados sítios inéditos (nem esse era o propósito metodológico do presente estudo). Portanto, a informação coligida permite proceder, pela primeira vez, a uma leitura de conjunto de toda a área geográfica e de cada concelho em particular.

2. O concelho de Vila Viçosa: do território físico ao território mitificado

Vila Viçosa constitui um dos mais pequenos concelhos do Alentejo, com apenas 194,62 km² de área. Por circunstâncias várias, sobretudo de âmbito fisiográfico, trata-se de um território muito dividido e compartimentado, com cinco freguesias e uma vincada diversidade de paisagens.

No concelho termina a formação geológica conhecida como Anticlinal de Estremoz, que na sua orientação noroeste/sudeste corre paralela à Serra d'Ossa, embora com características geológicas muito diferentes. O anticlinal condiciona fortemente o relevo do concelho, assumindo-se como verdadeira espinha dorsal que, com as suas oscilações muito dobradas, modela de forma muito vigorosa a paisagem. A pressão tectónica que originou esta formação conduziu à presença de curvas de nível muito acentuadas e de grandes elevações que, como a Serra da Vigária, constituem bloqueadores naturais de circulação. Como nos concelhos vizinhos, em Vila Viçosa temos vales muito cavados e curvas de nível muito acentuadas, contrariando a imagem pré-concebida de um Alentejo plano.

Este panorama também é válido – *mutatis mutandis* – para as restantes áreas do concelho onde o anticlinal não se manifesta, mas em que temos uma periferia fortemente cavada, mostrando as tremendas pressões tectónicas que se manifestaram na modelação da paisagem. Na área leste do concelho, para lá de Pardais e já na área de S. Romão, o relevo encontra-se acentuadamente declivado. A circulação entre pontos vizinhos é muito difícil, sendo escassas as áreas de transitabilidade. As ribeiras de Borba e da Asseca correm muito encaixadas, rolando entre as fragas xistosas com grande estrépito no Inverno, mas secando quase totalmente no Verão. Como os declives são pronunciados, e os subsolos xistosos predominam, os solos não se encharcam de água, que escoar directamente para os cursos de água que, por isso, aumentam significativamente o seu caudal. Aqui a paisagem é dominada pelos afloramentos de xisto e pelas estevas, que monopolizam o coberto vegetal. Neste extenso corredor, paralelo a les-

² Ferramenta de análise essencial para os estudos de território, mas que infelizmente ainda não é muito utilizada na Arqueologia em Portugal. Estes trabalhos de inserção de dados em sistema SIG foram realizadas por Joana Valdez, a quem muito agradeço.

te ao anticlinal de Estremoz, encontramos os grandes povoados da Idade do Ferro e de época republicana, como o Castro da Brioia ou o fortim do Outeiro Pintado. Mas não se cartografa o povoamento imperial, acomodado em torno de ambientes menos inóspitos.

Todavia, a grande força transformadora da paisagem ocorreu nas décadas mais recentes: mais ainda do que nos concelhos vizinhos de Estremoz ou Borba, em Vila Viçosa a extracção de mármore criou um definitivo impacto na percepção do espaço. A área ocupada pelas pedreiras é muito extensa, dominando toda a faixa ocidental e o corredor central do território. A qualidade do mármore e a sua pureza são aqui de um índice muito elevado, conferindo a Vila Viçosa e a Pardais uma reputação mundial. Observa-se uma variação em relação ao âmbito estremocense e borbense, pois a partir da zona de Peixinhos (no limite sudeste do aglomerado urbano da sede de concelho) e até Pardais ocorrem os designados mármore escuros da Ruivina, formados em ambiente redutor sobrejacente aos mármore “clássicos”. Esta mancha declina para sudoeste em direcção a Bencatel, Barro Branco e terminando a norte na zona da Glória de Estremoz, sendo por isso muito localizada. A diversidade marmórea em tão curtas extensões é outro traço indicador desta heterogeneidade já mencionada.

Infelizmente, é também a continuidade desta exploração para os tempos actuais que nos veda a percepção da realidade que teria ficado de tempos romanos. A intensidade no aproveitamento dos mármore, em escala industrial na segunda metade do século XX, levou à delapidação das evidências anteriores. Onde anteriormente teríamos os cortes superficiais, temos agora profundas crateras; onde se encontravam os pontos de povoamento, estão agora pavilhões industriais. Tirando o caso na pedreira da Vigária, onde ficaram vestígios que foram devidamente salvos, em outros locais de exploração não temos quaisquer informações sobre o que terá ficado dos tempos romanos.

Um universo geralmente ignorado no concelho, porque ofuscado pela relevância concedida aos mármore, centra-se na existência de outros importantes recursos geológicos e mineralógicos. Em vários pontos do espaço calipolense existem relatos sobre explorações de filões de minério ou de outras rochas ornamentais para além do mármore. O caso mais conhecido será a mina de Miguel Vacas junto a Pardais, onde durante o século XIX se procedeu à exploração de cobre, de chumbo e de zinco. O local é conhecido mundialmente pela ocorrência de cristais de malaquite, aqui acorrendo especialistas no domínio da Geologia com a intenção de os ver. Estes pontos de afloramento de mineralizações são bastante frequentes no anticlinal, embora nem sempre ocorram com densidade suficiente para propiciar uma exploração mais efectiva.

Em outros locais também se referem explorações mineiras, como na Serra das Correias e em Coroados, já próximo de Juromenha, em elevações em cujo sopé se situa a *villa* da Torre do Cabedal. Também na mina de Veiros ou de Vi-eiros, já próximo de Pardais, se fez extracção em galerias. E em notícias antigas fala-se de “os altos das Ferrarias com muitos poços de exploração de minas de cobre do tempo dos Romanos; e para o poente está o outeiro da Almagreira com

a sua mina de ferro manganés, tendo mais perto de si o vilar mais pequeno”³, próximos também de Pardais.

Outra riqueza do concelho é a fertilidade dos seus solos, que aliás originaram o seu topónimo. Ricos vales, com solos barrentos e argilosos (demonstrados pela existência de uma denominação de “Barro Branco”), predominam em todo o território, exponenciados pela densa rede hidrográfica. A agricultura de horta atinge aqui elevados índices, propiciando um policultivo muito intenso. É certo que em algumas áreas os terrenos estão condicionados pelo relevo ou pela exploração dos mármore, mas nos espaços livres as possibilidades são muito grandes.

Assiste-se ainda a uma rede hidrográfica orientada para a bacia do Guadiana. Alguns cursos apresentam grande caudal, como a ribeira de Muros, que por vezes serpenteia de forma muito cavada entre as depressões xistosas. Do lado oposto, o principal curso é a ribeira de Tera, que por vezes circula com grande estrépito na base da Serra d’Ossa. Em todo o concelho encontramos aquíferos, por vezes muito abundantes, como por exemplo acontece em Bencatel, onde a toponímia actual fossilizou várias “azenhas”.

Embora a sede de concelho tenha sempre sido um reconhecido pólo de produção de saber e conhecimento, essencialmente originadas na órbita eclesiástica, nunca se assistiu a um olhar mais profundo sobre o conhecimento do passado romano que permitisse romper a cortina da tradicional leitura da existência de *Callipole* e de um santuário a Proserpina. Em Vila Viçosa o passado confunde-se com a lenda, e esta alimentou uma mitologia local que acabou sempre por prevalecer sobre um estudo mais sério e sustentado que permitisse comprovar, de facto, as pretensas antiguidades heróicas. Tendo sido lugar de depósito de materiais e elementos provenientes de outros locais, incluindo os do santuário de *Endovelico*, a vila acabou por nunca se constituir como uma entidade criadora de um saber mais estruturado em torno do conhecimento concreto das realidades de terreno. Desta forma existem várias extrapolações abusivas, construídas a partir de materiais emblemáticos que aqui foram depositados, mas que provavelmente não foram aqui encontrados (como as epígrafes de Proserpina ou o marco miliário da via XII), referenciando-os como emblemas de um ilustre passado local, que assim legitimava uma grandeza contemporânea. Esta projecção do presente no passado, ou a apropriação de materiais recolhidos no entorno mas não na localidade, sustentando uma história mítica local, acabou por ser mais lesiva do que benéfica, pois misturou o plano da realidade com o da lenda, contribuindo para o afastamento de um efectivo conhecimento histórico.

A obra em que mais claramente vemos este propósito é, contudo, a mais útil pela profusão de informações de campo nela contida. Mas são dados empoados, artificialmente engrandecidos e utilizados em favor do enaltecimento do

³ Espanca, 1983: 33. Todas as citações são retiradas do fascículo n.º 2 salvo menção em contrário.

passado local. Com redacção iniciada em 1865 e publicação em 1885, as *Memórias de Vila Viçosa* do Padre Joaquim José da Rocha Espanca⁴ são ainda hoje o melhor testemunho para o conhecimento dos achados e realidades de terreno, mas onde é tarefa complexa destrinçar o facto da lenda. Porventura a passagem mais emblemática será a da ligação da colonização do Alentejo às narrativas bíblicas, com os descendentes de Jafet, filho de Noé, a entrarem na região a partir de 2800 da Criação do Homem, ou 1200 a.C.⁵, fundando então Vila Viçosa. Esta mistura entre ficção e realidade segue de perto, aliás, a via já trilhada por André de Resende, de quem utiliza abundante informação. Mas a obra é de uma utilidade por conceder informação sobre um conjunto de sítios entretanto devorados pelo crescimento das pedreiras, e que desta forma ficaram unicamente testemunhados pela prosa de Espanca⁶.

Este profundo trabalho de tessitura de um passado mítico alicerçado nas evidências de terreno mais notáveis (independentemente da sua proveniência) poderia ter desencadeado um movimento de estudos, de referências e de análise que envolvesse a massa crítica que a vila sustentava. Mas ficou como exemplo isolado, como paradigma reflexivo futuro que não deixou descendência. À sua sombra alicerçou-se a memória mítica de um passado grandioso, sem que nada fosse feito no terreno para procurar comprovar essa lembrança. Encontramos em outros concelhos outros paralelos: em Portalegre, por exemplo, com a memória transferida de uma mítica *Medobriga* a partir do testemunho de Frei Amador Arrais; mas talvez o local onde este fenómeno se tornou mais emblemático seja precisamente aqui, em Vila Viçosa, onde o paradigma ainda hoje persiste, pairando sobre a perspectivação do que foi o passado local.

Por estes motivos o efectivo conhecimento de terreno dos testemunhos locais é muito precário, contrastando-se a pretensa grandiosidade do passado – para mais irremediavelmente perdida pelo avançar das pedreiras – com a parca informação que o presente possibilita. Deste contraste desmotivante resulta um vazio de investigação; os dois únicos documentos existentes demonstram e lamentam este paradoxo⁷.

Os trabalhos de terreno mais recentes são escassos e genericamente não publicados. Na década de oitenta o Grupo de Estudos da Serra d'Ossa (GEO) pretendeu concretizar uma *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Viçosa*. Aparentemente por falta de condições logísticas o projecto não teve seguimento. Da mesma forma, embora o primeiro Plano Director Municipal de 1995 não

⁴ Espanca, 1983.

⁵ Página 20 e seguintes.

⁶ Por exemplo, as descrições em torno de Bencatel e de Pardais (p. 30-33).

⁷ *PDM Vila Viçosa – Revisão 2005* (ProEngel – projectos de arquitectura & Engenharia); *Plano de Pormenor do Núcleo Histórico de Vila Viçosa* – História urbana de Vila Viçosa, GTL Vila Viçosa, 1999-2001 (autoria de Paula Mendes Rosado).

apresente descritores na área do património arqueológico, entre 1998 e 1999 terão sido conduzidos alguns trabalhos na sequência da sua primeira revisão, conduzidos por Manuel Calado, mas que também não foram noticiados, sendo que a revisão de 2005 não os inclui. Por estes motivos, considera-se que o volume de informações existente sobre o concelho encontra-se ainda muito longe de poder fornecer uma informação fiável e representativa.

3. Catálogo de sítios romanos no concelho de Vila Viçosa

1. Vigária⁸

CMP 426 / CNS 5835 e 29083

Na área administrativa da empresa estão em exposição os vestígios encontrados: blocos de mármore com cunhas de extracção e rolos de mármore, talvez para posterior talhe de colunas e sarcófagos. Não há memória de existência de quaisquer indicadores de povoados ou de necrópoles, apenas das evidências de exploração, pois os afloramentos apresentavam cortes e negativos de extracção, que se encontravam a uma cota superficial muito elevada e foram imediatamente destruídos pelo início da laboração contemporânea. Também se encontravam à superfície capiteis e colunas inacabados, além de uma estátua de um togado, também inacabada (hoje guardada em armazém).

O elemento mais emblemático será talvez o baixo-relevo com a figuração de uma divindade aquática que foi encontrado *in situ*, sendo então removido em bloco. Sob o elemento brotava uma nascente, que na sua escorrência se depositava em uma cavidade, formando então uma piscina natural.

A laboração iniciou-se pelo menos em meados do século I d.C., a julgar por materiais soltos aqui recolhidos⁹. Na obra de P.^e Espanca apenas surge uma menção a este local indicando o achado de sepulturas¹⁰.

⁸ Ao Eng. Barros, da Solubema, agradeço a amável visita guiada ao local e todas as informações gentilmente prestadas sobre a paisagem existente antes do início da exploração da pedreira actual.

⁹ RP 6/244: fragmento de *terra sigillata* galo-romana com marca GEMINV e um fragmento de cerâmica de paredes finas pré-flaviano.

¹⁰ “Em 1886 [...] na herdade da Vigária, próximo do Monte do Barrinho, grande lajões de piçarra e de mármore de um jazigo redondo com cinco metros de diâmetro. Fui vê-lo a 8 de Março; e observei que no centro jaziam muitos crâneos, tíbias e tornozelos, cobertos de pedras grossas colocadas sem ordem, parecendo cadáveres mortos numa batalha. Mais abaixo estava um túmulo já arrombado.” (Espanca, 1983: 81).

2. Herdade do Padrãozinho

CMP 427 / CNS 1310

Conjunto muito vasto (no total, 189) de sepulturas intervencionadas e dadas a conhecer por Dias de Deus, Henrique Louro e Abel Viana¹¹ pertencentes a um “complexo” “conjunto de necrópoles”, como afirmaram. Dois conjuntos com sepulturas de inumação espacialmente distantes em 200 metros (necrópole n.º 1 com 54 sepulturas, das quais apenas cinco com espólio, denunciando uma cronologia muito tardia, e n.º 3, não intervencionada e com topos de sepulturas aflorando), e também dois conjuntos espacialmente próximos, mas com rito de incineração, sendo as coberturas feitas com lajes, com tegulas ou com pedras sobre as urnas: aparentemente uma ainda da Idade do Ferro (necrópole n.º 2, com sete sepulturas); na necrópole n.º 4 foram escavadas 128 sepulturas de incineração com grande diversidade formal e de espólio. Destaca-se a grande quantidade de materiais depositados, em especial de artefactos em metal. Desconhece-se o ponto de povoamento correlacionado, embora se mencione um local com “vestígios de cimios de edifícios” onde existiriam silhares de granito e um capitel em mármore¹². Quanto à(s) necrópole(s), trata(m)-se de um conjunto fulcral que merece(m) uma reavaliação, de modo a entender esta longuíssima diacronia de um espaço funerário onde uma vasta comunidade se fez tumular.

Outras referências: RP 6/246; Viana, 1953; Viana & Deus, 1955; Alarcão, 1968: 2; Nolen, 1985; Frade & Caetano, 1993.

3. Fonte da Horta do Soares

CMP 427

Fonte térrea que os locais consideram como romana. A seguir ao período da Reforma Agrária, um tractor colocou à vista uma laje de mármore de grandes dimensões. Logo nesse momento foi feita uma escavação, tendo sido encontrado uma necrópole romana na baixa do terreno, junto da fonte. No local não se encontram vestígios, embora no momento da visita¹³ a vegetação impedisse uma correcta observação.

Referência: Inédito.

¹¹ 1955: 570 e 577, nota 2.

¹² Viana & Deus, 1955.

¹³ 24.03.2008.

4. Pomar d'El Rei

CMP 427 / CNS 5286

Necrópole correspondente à *villa* da Torre do Cabedal. As primeiras referências são muito antigas, mas passaram despercebidas:

“Pomar d’El-Rei

Na herdade da Torre do Cabedal. Quando ha poucos annos se demoliu um forno que havia defronte da entrada do casal, achou-se um fragmento de campa romana em que apenas se liam estas letras:

LAEL

F.AN

S.T.

Foi enviada à secção archeolog. da Biblioth. municipal. “¹⁴

Muito recentemente foram descobertas e escavadas clandestinamente mais sepulturas, por ordem da proprietária.

Outras referências: RP 6/247.

5. Torre do Cabedal

CMP 427

Um dos mais monumentais e ignorados sítios do Alto Alentejo. Conhecido de há muito, escavado sem que alguma memória tivesse sido produzida, mas hoje remetido ao silêncio.

A *villa* romana encontra-se sob a atalaia reconvertida em casa de habitação, “un gran área residencial, que debería ocupar la plataforma donde se construyó el caserío de la actual propiedad”¹⁵. As estruturas apresentam uma impressionante monumentalidade e estado de conservação, mas a profusão de elementos construídos torna complexa uma interpretação. Identifica-se parte de um edifi-

¹⁴ Almada, Vol. 45: Pica-Porta. O autor menciona, na mesma entrada, que “O Pe Carvº na Chorog. Port., tratando de V Viçosa diz que no pomar del Rei havia a ermida de S. Paio no seu tempo”. Notícia da descoberta e impressões de terreno dadas pelo autor em *O Elvense* n.º 52, 05.Junho.1881, p. 2 [coluna de notícias]. Mais tarde surge divulgada da seguinte forma:

“26. Fragmento de uma campa romana (de marmore branco) em que distinguem as seguintes letras da inscripção:

LAEL....

.F.AN...

...ST...

[...] encontrada [...] no entulho proveniente da demolição de um forno, no Pomar de El-Rei, da herdade da Torre do Cabedal, concelho de Villa Viçosa. [...]” (Pires, 1901: 216). Ver também IRCP n.º 457.

¹⁵ Reis, 2004: n.º 125.

cio termal, notando-se ainda uma *natatio* com duas pequenas escadarias laterais, entre outros espaços mais difíceis de relacionar.

Outra notícia surge proveniente de um correspondente de Leite de Vasconcellos, Lerenó Antunes: “Sou e resido em Elvas, e pela minha vida de lavrador (agricultor) percorro muito os campos onde tenho encontrado muitos restos arqueológicos de que desejo que V. Ex.^a tome conhecimento [...]”.

Existe na herdade de Torre de Cabedal, vestígios de uma luxuosa e grande “villa” romana. Foi rendeiro muitos anos desta herdade meu pae, e por s/ morte continua-a explorando minha mãe e irmãos. Ha anos perto do monte levantaram os arados um bocado de mosaico; e, motivado talvez mais pela minha curiosidade, procedeu-se a escavações, conseguindo por-se a descoberto o pavimento de mosaicos de um balneário romano muito bem conservado, com primorosos desenhos, destacando-se à roda do ralo, que era de mármore e estava deslocado, uma cercadura com peixes. Pouco mais se escavou, e por motivo de minhas ausências longas, não se continuaram mais os trabalhos. Sempre foi meu desejo que estes mosaicos fossem para o Museu Municipal de Elvas. Infelizmente assim sucedeu. Digo infelizmente porque a pessoa, que na sua qualidade de conservador do museu, dirigiu os trabalhos de levantamento, não conseguiu que fosse retirado convenientemente e hoje vejo com muita magoa minha, a impossibilidade de se reconstituírem, e terem que se perder algumas partes por ser retirado muito fragmentado, sendo hoje um quebra-cabeças sem resultado a sua reconstituição.

Eu desejava que o local fosse visto por pessoa entendida, porque me parece que devem dar resultado, umas explorações metódicas e bem dirigidas. Em tempos convidei, quando ainda no Museu Ethnológico o Dr. Virgílio Correia, que fora meu condiscipulo, mas a sua prometida visita nunca chegou a realizar-se. Não sendo meu desejo entrar em descrições e suposições não quero deixar de dizer que o monte da Torre de Cabedal tem uma torre muito antiga cuja época não sei determinar, e que bastante perto existem mais duas, e ao redor tem sido descobertas muitas sepulturas, uma ou umas das quais deram bastantes peças de vidro, que possuo, que existem muitos alicerces, e o terreno está cheio de fragmentos de telha romana, argamassas, etc.”¹⁶

Mais tarde o local foi intervencionado em extensão, daí que algumas estruturas estejam hoje visíveis. Contudo, nenhum registo existe sobre estes trabalhos, nunca publicados. O referido mosaico, com figurações piscícolas, encontra-se hoje na coleção do antigo Museu de Arqueologia de Elvas.

¹⁶ Correspondente 152; carta de 10-02-1926 (738).

6. Lagoa¹⁷ CMP 440

Único local da área regional em que ainda se encontram *in situ* vestígios de exploração do mármore em época romana: alinhamentos de orifícios para inserção de cunhas e o negativo da remoção de um sarcófago. O local foi poupado pelas explorações industriais modernas que o rodeiam em todas as direcções, mas a integração contextual perdeu-se.

7. Vilares da Galharda CMP 440 / CNS 5137

A realidade de Bencatel é confusa, dada a diversidade de notícias sobre sítios romanos no seu termo. Para uma análise mais concreta, convém proceder à individualização das referências.

Vilares da Galharda corresponde certamente a um *vicus marmorarius*, ou seja, um povoado dedicado à exploração do mármore. Não há qualquer evidência de monumentalidade que aponte para uma *villa*, mas em contrapartida são bem impressionantes as evidências de laboração.

Área estimada em quatro hectares, muito próximo da linha de água e de recursos aquíferos. Uma mancha quase contínua com bem conservados materiais de construção¹⁸: muitos tijolos, alguns quase inteiros, tegulas e poucos imbrices, muitos blocos pétreos (xistos com sinais de terem sido utilizados em construção e blocos marmóreos, possíveis restos inacabados de laboração). É visível uma plataforma que talvez se deva a construções¹⁹ no subsolo.

Já surge mencionado em notícias antigas, com indicadores concordantes com os actualmente visíveis: “Dá-se este nome a uma porção de terra de lavoura pertencente à Herdade da Galharda [...]. Aqui as ruínas são mais abundantes do que nas hortas e cerrados vizinhos, cobrindo elas quase toda a superfície do solo; [...] nos Vilares, assim como na herdade das Nogueiras (fora das hortas)²⁰,

¹⁷ Agradeço a Luís Lopes a visita ao local e todas as explicações técnicas prestadas.

¹⁸ *Curiosamente, de alguma forma de corrobora a afirmação de Mário Saa (1956: 119): “Os «vilares» representam assentos de antigas povoações romanas, de maior ou menor extensão, mas notáveis, onde, de tempos a tempos aparecem legendas latinas e objectos de toda a espécie. O chão é juncado, em vasta área, de fragmentos de tegula.” Ou seja, são de facto os fragmentos de cerâmica de construção que se encontram omnipresentes por vasto campo.*

¹⁹ A curva de nível é tão marcada que está definida na CMP 440.

²⁰ Nogueiras, já no concelho de Borba, é uma propriedade onde existe um local de ocupação romana com evidentes indicadores de exploração do mármore (Carneiro, 2011: 04.13, p. 54-55 vol. II). Contudo, talvez se trate de uma *villa*, dada a presença da cerâmica de importação que se encontra ausente em Galharda.

não só há ladrilhos e telhões com alguns mármore talhados, mas também muitíssima pedra miúda e alguma grossa.”²¹ Do local conhecem-se algumas epígrafes funerárias²².

Outras referências: RP 6/245; Saa, 1956: 119-122.

8. Aldeia das Freiras

CMP 440

Numerosas referências a vestígios situados a sul de Bencatel, variando entre “Aldeia das Freiras” e “Fonte das Freiras”.

Espanca menciona que “Na Fonte das Freiras, desde o nascente até cerca da vila do Alandroal, estava outro vilar, onde aparecem vestígios de telhões, mármore e moedas romanas.”²³ Adiante descreve outros achados, com mais pormenor, incluindo o que interpreta como “um grande pórtico”, uma possível estrutura cultural e um edifício que interpreta como “termas ou banhos”²⁴. Na segunda foi encontrada “uma sereia” e a dedicatória ao par *Fontano et Fontanae*, conforme notícia confirmada por José Leite de Vasconcellos²⁵, o que pode confirmar a existência de uma estrutura de âmbito cultural que o anterior autor apontava. Finalmente, existe ainda uma inscrição paleocristã descrita pelo autor²⁶. Quanto a Mário Saa, também dedicou alguma atenção aos «Vilares», não os distinguindo da Galharda, como se fossem uma mancha contínua, e prolon-

²¹ Espanca, 1983: 72. O mesmo autor refere achados de sepulturas na pág. 79.

²² IRCP n.º 438, de âmbito votivo e dedicada a *Fontano et Fontana*, e IRCP n.º 451. Existe também uma inscrição paleocristã, o epitáfio de *Domitia*, que terá sido encontrada no mesmo local da anterior (Alves Dias & Gaspar, 2006: n.º 110, com bibliografia).

²³ 1983: 32.

²⁴ Espanca, 1983: 80. Um pouco antes (p. 74) o autor mencionara “ladrilhos de arcadas pequenas”, eventualmente de termas. É esta a passagem: “1º – Uma grande pedra de doze palmos de comprimento por três de largura, a qual tinha no centro dos extremos uma cavidade como de rodízio ou couceira de porta, e junto dessa cavidade outra menos para gato de ferro. Era inquestionavelmente ali um grande pórtico. [...]. 4º Uma outra não apurada a cinzel ou escoda estava empinada e sobre ela tinham posto os trabalhadores um busto de mármore, cuja cabeça padecera a lesão de uma lasca tirada na face esquerda, compreendendo boca, nariz e olho direito. [...] várias pedras grossas junto do pórtico referido e ao longo dos alicerces de uma capela ou templo, indicando serem bases sobre que se erguiam colunas ou grossas pilastras. Seria aqui algum templo de Fontano e Fontana?... Deus o sabe. Na traseira deste edifício apareceram alguns canos de chumbo em perfeita conservação. Eram aquedutos de pequena porção de água e, segundo parece, de umas termas ou banhos quentes, pois mais adiante estava um tanquinho ou banheira de argamassa duríssima, além de cinzeiros perto dos canos. [...] admirei novos mármore, inculcando serem alicerces de outros [...] tábuas de mármore alvíssimo talhado à serra, pedaços de cornija, florões de cimento [...]”

²⁵ 1905: 256; ver também Carneiro, 2009-2010: XXIII.

²⁶ Espanca, 1983: 78; ver também Alves Dias & Gaspar, n.º 110.

gando-os para Santa Ana, onde radica a dedicatória votiva, mas que (conforme já adiantei)²⁷, em prospecções neste último local nada de relevante encontrei. Quanto a Aldeia das Freiras, o autor afirma alguns dados que na essência repetem as indicações de Espanca²⁸.

Apesar das várias prospecções e de inquéritos junto da população, não foi possível confirmar este conjunto de notícias. Como se compreende, torna-se difícil interpretar estes achados desconexos, na medida em que não é determinável se estão relacionados com o ponto de povoamento anterior (como uma sua extensão) ou funcionam como uma área de prestação de serviços e equipamentos públicos para os trabalhadores da laboração do mármore – hipótese que pessoalmente prefiro, e então teríamos nos arredores de Bencatel um verdadeiro núcleo com características semi-urbanas, na linha de um *vicus marmorarius*.

Note-se que deste local, ou do anterior, são provenientes várias epígrafes, incluindo a já referida dedicatória votiva. A diversidade de dedicantes é muito significativa²⁹: encontram-se cidadãos da tribo *Galeria*, indígenas e libertos, em diversidade etnogénica que certamente estará relacionada com a actividade nas pedreiras, que atrairia para este lugar gente das mais variadas proveniências, alguns de competências muito especializadas no trabalho de talhe e escultura.

9. Santa Ana

CMP 440

Local onde, segundo a tradição, se implantou o primitivo aglomerado urbano de Bencatel, e onde ainda se encontram os alicerces da antiga ermida, hoje sobrepujada por uma irrelevante construção agrícola. Na base da elevação encontra-se uma nascente com elevado caudal, brotando do chão.

Mário Saa refere que “Onde realmente houve muita pedra mármore de aparelho, como ainda se vê por fragmentos, foi no local da extinta ermida de S.^{ta} Ana, 1,5 km. a sul do sinal geodésico da Galharda”³⁰, relacionando o templo cristão com uma estrutura pagã de invocação ao par *Fontanus* que, como já vimos, foi recolhido em Aldeia das Freiras, de onde a distância ainda é significativa. Todavia, existe também menção à descoberta de sepulturas: “No estio de

²⁷ Carneiro, 2009-2010: XXIII.

²⁸ Saa, 1956: 122: “O *opus signinum*, os fragmentos de *tegula* e *imbrex*, pedaços de silharia marmórea, e cacos de objectos do uso doméstico, dispersam-se, aí, numa área de dezenas de hectares, na margem esquerda do pequeno ribeiro, mas caudaloso, que, nascendo no lugar de Bencatel, afluí ao Lucefécir, com 5 km. de curso. Move muitas azenhas. Nas suas origens há um terreno denominado as *Fontanas*.” Pela menção às “azenhas” percebe-se que se refere a este local.

²⁹ Para as epígrafes ver IRCP n.º 438, n.º 443, n.º 452, n.º 455 e n.º 467. Ver também os comentários em Lambrino, 1967.

³⁰ Saa, 1956: 123.

1877, o lavrador de Santa Ana, Manuel Gomes Caeiro, mandando murar a horta da herdade e abrir um leito novo ao ribeiro para lhe não devastar a dita horta, achou muitas sepulturas com tigelas (disse ele) à cabeceira de cada uma [...].³¹

A visita ao local não permitiu confirmar qualquer ocupação anterior em época romana, não se observando nenhum vestígio.

10. S. Marcos

CMP 440 / CNS 2704

Um dos locais em que mais é possível avaliar a dimensão da perda causada pela laboração recente do mármore. A antiga ermida, pretérita sede de procissões relacionadas com o gado e a transumância, ergue-se ainda solitária, em meio às crateras produzidas por uma das mais activas áreas de exploração de mármore nesta região³². Situação bem diferente até aos anos cinquenta: “A «cidade» dos Vilares, como aqui se diz, existira em torno da capela ou ermida de S. Marcos. A «cidade» desenvolvia-se para leste da capela, por terrenos extraordinariamente impregnados de fragmentas de telhas, no largo espaço que compreende Fonte da Moura e Fonte Soeiro. Colunas de mármore (pedra da região), silharia, pavimentos do costumado mosaico policrómico (em profusa quantidade), ladrilhos, objectos, inscrições, tudo aí aparece, e muito mais apareceu noutras idades, como referem monografias locais.³³”

Localmente foram confirmadas estas informações. Assim, todos os vestígios encontravam-se a leste do monte, onde hoje estão as pedreiras. Não há testemunho de elementos arqueológicos para oeste e norte, onde se situa uma horta e uma extensão ainda liberta. Junto às casas ali existentes foram encontradas algumas sepulturas, onde estavam ossadas com um recipiente cerâmico no topo. Em 1966 foi encontrada uma pulseira de ouro, entretanto perdida. Mais para sul, junto à Fonte da Moura, no monte ainda existente (mas onde nada é visível no terreno), encontrava-se o possível sítio de habitação, havendo referência a pedras trabalhadas e a um lagar.

O testemunho obtido interpretou a presença da laboração antiga no local de acordo com a existência uma área de ocorrência de mármore onde as placas afloram ao alto, e não em bancadas, e portanto, cuja extracção é mais simples por ocorrer superficialmente em laminação natural.

³¹ Espanca, 1983: 79.

³² Duzentos metros a sul encontra-se a que actualmente ostenta o poço de exploração mais profundo, neste momento superior a cento e trinta metros.

³³ Saa, 1956: 138.

11. Monte das Freiras

CMP 440

Uma epígrafe funerária daqui proveniente indicando um contexto de necrópole. Não se conhece o local exacto do achado, nem algum eventual ponto de povoamento correspondente. Na atribuição do topónimo talvez exista alguma confusão com a Azenha das Freiras.

Referências: IRCP n.º 445.

12. Fonte Soeiro

CMP 441 / CNS 4634

De concreto encontra-se pelo menos um testemunho de ocupação romana no local. Situa-se mesmo junto ao aglomerado de Fonte Soeiro. Fica no vale que corre no seguimento de S. Marcos, mas entre os dois pontos a distância é ainda significativa. A mancha de materiais corresponde a um acidente topográfico muito amplo, uma lomba que quebra o relevo e que marca o local onde seguramente existirão construções. Aqui se encontra numerosa cerâmica de construção (tegulas, imbrices e tijolos), escória, vários tipos de cerâmica comum, fragmentos de ânforas lusitanas e *terra sigillata* hispânica. No meio da tapada murada encontra-se um grande silhar. Diz-se também que por aqui aparece “cimento branco”, eventualmente *opus signinum*. A mancha de materiais é claramente cortada pelo uso actual do terreno: a leste pela estrada de acesso às casas de Fonte Soeiro e a norte pelo limite das pedreiras. O sítio é atravessado por um caminho recto, em longa linha definida por árvores, e que se conta localmente que “dava caminho para Espanha”. Hoje estão conservados menos de cem metros do traçado.

Nas propriedades em volta há também notícias várias. A parcela a oeste denomina-se Covões e refere-se também o achado de vários materiais. Entre as duas, e mais acima topograficamente, existem notícias que apontam para a existência de uma necrópole de incineração, entretanto destruída.

13. Pardais

CMP 441 / CNS 4641

São numerosas as notícias sobre o passado romano de Pardais. Aliás, a própria denominação parece provir da deturpação de “paredais”, como já Mário Saa apontara.

Os testemunhos são-nos deixados pelo P.^e Espanca: “Na planície de Pardais, que desce o outeiro da Torre até à fonte do Soeiro, e principalmente na herdade da Fonte da Moura, há também vestígios de povoação Romana e bastante notáveis. Segundo o testemunho de um antigo lavrador, apareceu na dita herdade da Fonte da Moura, cerca de 1824, uma campa, cujo epitáfio terminava

pelo usual romano STTL [...]. Na eminência da mesma Pardais, situada ao poente do bairro chamado – Aldeia – e da planície da Fonte da Moura, ou ao sul da moderna Igreja Paroquial, esteve outro vilar, cujas ruínas são bem reconhecíveis e ocupam uma área de não menos de quinhentos metros em quadro, estendendo-se mais para o sul em direção à herdade, que tem o nome de Santa Helena ou Misericórdia. Deste vilar ou do precedente era um capitel de ordem coríntia, que se acha encaixado à porta de umas casas do bairro das Casas Novas.”³⁴ O autor fala explicitamente na “margem direita da ribeira”, diferenciando assim este núcleo do de S. Marcos ou da Fonte Soeiro, e nesta zona haveria “tantos os ladrilhos e telhões Romanos, que formam camadas de uns sobre outros, indicando serem relíquia de sumptuosos edifícios. Todo o terreno ocupado por eles não mede menos de um quilómetro quadrado.”³⁵

Efectivamente parte da aldeia parece assentar sobre um aglomerado anterior, mas nas prospecções feitas não se encontraram vestígios. Do local conhecem-se mosaicos, colunas de mármore e canos de chumbo que estão em depósito no Museu da Fundação Casa de Bragança em Vila Viçosa.

Embora a menção não seja inequívoca, presume-se que do local seja também proveniente uma epígrafe votiva dedicada a *Salus*³⁶.

4. Interpretação possíveis sobre o povoamento romano no concelho

Em leitura geral, o concelho de Vila Viçosa apresenta um apreciável conjunto de sítios romanos. Mais do que o registo numérico até impressiona mais a extensão que cada um deles ainda apresenta (sendo que muitos foram já devorados pelas pedreiras de mármore), indicando portanto uma intensa presença de gentes romanas na região.

O dado mais curioso e porventura mais surpreendente que pode ser retirado da arquitectura do povoamento romano neste concelho reside no seguinte: à excepção de Torre de Catedral – inserida já em contexto paisagístico e fisiográfico diferente, nas margens do Guadiana – nenhum sítio calipolense pode ser claramente interpretado como *villa*, a categoria de sítios predominante em todo o Alentejo.

Em seu lugar, temos três grandes classes de sítios: necrópoles e/ou sepulturas; pedreiras/locais de extracção; e uma categoria indefinida que poderíamos genericamente designar de povoados extensos ou, mais especificamente, de um *vicus marmorarius*. Torna-se, portanto, aliciante discutir o que poderiam ter sido estes sítios.

³⁴ Espanca, 1983: 32.

³⁵ Espanca, 1983: 33.

³⁶ Almeida, 1964; IRCP n.º 375; Carneiro, 2009-2010: XXVI.

Olhando para as descrições deixadas pelos autores que os procuraram re-ensear no terreno – ou seja, o P.^o Espanca e também Mário Saa, embora este último pareça replicar a informação do primeiro – temos aparentemente uma realidade linear: os «vilares», povoados que ocupam uma extensão gigantesca no terreno, embora o primeiro dos autores se esforce sempre por individualizar os principais núcleos, particularizando e circunscrevendo geograficamente estas realidades³⁷.

O que teríamos aqui? Desde logo, um dado pouco habitual no mundo romano: a aparente convivência próxima entre espaços de laboração e espaços de povoamento, mas também o aparecimento de indicadores de monumentalidade em pontos específicos. Não são muito diversos, consistindo em capiteis e em um pé de estátua³⁸ (notando-se a ausência de mosaicos³⁹); e se é certo que o autor fala em “ladrilhos e telhões Romanos, que formam camadas de uns sobre outros, indicando serem relíquia de *sumptuosos edificios*”⁴⁰, menciona esta sumptuosidade no sentido da abundância e da quantidade (a propósito de ladrilhos e telhões), não no sentido dos indicadores de requinte e de qualidade que remetam para ambientes áulicos de uma *villa*. Em todos os sítios sublinha-se a grande dispersão territorial dos vestígios de superfície. E escreve-se “Lugarejos e aldeias romanas”, mas nunca se alude à existência de palácios ou edificios monumentais⁴¹. Destaca-se a presença de mármore, mas tratam-se de blocos informes ou com marcas de talhe, resultantes certamente da laboração e do corte. No restante, os elementos de superfície são os omnipresentes “telhões” e ocasionalmente moedas. O facto de por vezes se indicar que as ruínas são bem reconhecíveis pode levar a pensar na existência de alicerces ou de topos de muros aflorando, que captariam a atenção de curiosos que, em alguns casos, terão em-

³⁷ Por exemplo: “Em resumo: há dois vilares em Pardais” (Espanca, 1983: 33). Ou seja, a perspectiva inverte-se ao restante da obra: mais do que aglutinar diversas realidades, procurando enaltecer a grandiosidade passada, Espanca centra-se na autonomização dos distintos pontos de povoamento, separando-os e olhando-os como realidades diferenciadas e desconectadas geograficamente. Claro que a perspectiva também é panegírica, mostrando assim como a região foi densamente povoada na Antiguidade e como o mármore atraiu tantos habitantes, mas o que se torna curioso (para a época e para o perfil da obra) é precisamente a inversão da perspectiva.

³⁸ [...] “pé de estátua pequena de côr avermelhada, e que não há nestes sítios” que foi recolhida na Herdade de Nogueiras no concelho de Borba (Espanca, 1983: 72).

³⁹ Apenas Mário Saa indica “profusa quantidade” de “mosaicos policrómicos” em relação ao núcleo de São Marcos/Fonte da Moura/Fonte Soeiro próximo de Pardais; mas em seguida cita “monografias locais” (Saa, 1956: 138), seguramente o P.^o Espanca, pelo que presumo que escrevesse sem conhecimento de terreno da realidade, o que aliás também me parece válido para a sua descrição de Bencatel. No Museu de Vila Viçosa guardam-se fragmentos de mosaicos com a designação genérica de “Pardais”, o que impede a correspondência com um ponto em concreto.

⁴⁰ Espanca, 1983: 33; itálico da minha responsabilidade.

⁴¹ Espanca, 1983: 65, n.º 1.

preendido acções de depreação dos elementos materiais. Mas a tónica é sempre colocada no «vilar» ou «povoação», termos neutros que apontam para povoados em lugar de *villae*, sendo que esta última hipótese, mesmo devidamente crivado o texto, nunca é apontada pela prosa do autor.

O único ponto onde a descrição centra-se em estruturas de aparato encontra-se em Azenha das Freiras, a sul de Bencatel: um ambiente termal, com poço, canalizações, aqueduto, banheiras; e também um santuário com uma epígrafe votiva, um pórtico e “colunas ou grossas pilastras”. Eventualmente um balneário com templo, espaços públicos servindo os *marmorarii* laborando em volta?

Note-se que eu não pretendo negar a existência de *villae* no epicentro da exploração marmórea neste concelho. O que me parece importante sublinhar é que, olhando para os diversos pontos de povoamento cartografados, os indicadores da existência de *villae* são, afinal, efectivamente escassos. Mosaicos, de facto, existem em Torre do Cabedal – claramente uma estrutura fundiária, distante em termos económicos deste universo – e em Pardais, mas aqui a sua proveniência não está definida (Fonte Soeiro?). Indicadores de monumentalidade são alguns – vários capitéis enunciados por Espanca – mas a sua origem tanto pode residir em ambientes áulicos privados, como em edifícios públicos ou semi-públicos pertencentes a unidades de povoamento que prestassem serviços congregando os habitantes e trabalhadores das pedreiras.

Mas olhando de outra perspectiva, a discussão entre *villae* e povoados abertos/*vicus* nesta área remete para uma outra, mais ampla, e que tem a ver com a estratégia de exploração económica de um recurso fundamental para o mundo romano (no sentido mais amplo do termo).

No fundo, o que aqui se discute é o modelo de gestão e de organização da exploração marmórea. Presumir que existem *villae* neste espaço é partir da premissa de que esta laboração se alicerçava em iniciativa privada, no âmbito de *domini* que, no lugar de optar por investimentos de cariz agro-pecuário, direccionavam a sua atenção para o mármore. Partir do princípio que existiam povoados, ou *vici*, será admitir que esta gestão se efectuava em âmbito público ou em parcerias público/privadas, o que implicava a existência de áreas de laboração e pontos de povoamento que prestassem serviços a todos os intervenientes no processo, desde o escravo incumbido das tarefas mais pesadas, ao *marmorarius* especializado, ou ao legado que receberia os impostos e taxas. Mas implicava também edifícios que prestassem serviços a todas estas pessoas, edifícios que encontramos na descrição de Espanca a propósito de Azenha das Freiras e que poderão corresponder a espaços de âmbito público – ou pelo menos *não correspondem apenas a espaços de âmbito privado*, podendo efectivamente ser prestadores, funcionando em outro tipo de enquadramento diferenciado em relação ao que os investigadores tradicionalmente neles vêem.

O acomodamento das imensas moles humanas que laboravam nestes espaços teria de ser conseguido através de povoados dispersos, que ocupavam certamente uma larga extensão no terreno. Os mesmos que ainda se conseguem identificar em alguns pontos, como Galharda ou Fonte Soeiro, e que em outros

lugares parecem ter desaparecido por completo, engolidos pelo avanço das pedreiras ou sepultados sob núcleos urbanos actuais. Mas onde eles sobreviveram os indicadores são semelhantes: largas extensões (em Galharda muito ampla, com hectares) com acidentes topográficos criando plataformas artificiais (situação também mencionada por Espanca) com cerâmica de construção, fragmentos de mármore e um ou outro elemento diferenciador (mais variação em Fonte Soeiro do que em Galharda). Embora a amostra seja escassa, parece não haver grandes variações em relação à descrição de Espanca. Mas sobretudo nota-se a proximidade em relação a dois componentes fixos: as pedreiras, sempre contíguas, e os abundantes recursos hídricos. E uma congregação que já seria esperada, ou seja, os sítios aproximam-se em função destes recursos estratégicos, deixando de haver uma repartição equilibrada da propriedade, o que conduziria ao ajuntamento de uma grande densidade populacional em espaços reduzidos.

Infelizmente o silêncio epigráfico é aqui penoso, porque uma boa forma de avaliar este universo seria através de inscrições que nos permitissem perceber quem aqui laborava (e indirectamente, como estas unidades funcionavam), ou ainda se existia alguma superintendência ou uma cadeia de produção. Não é contudo esse o caso. Mas as poucas epígrafes demonstram-nos a heterogeneidade social aqui presente, com gentes de distintas origens, fundos e filiações, que conviviam juntas em espaços onde se exigiam diversas competências e se criavam múltiplas oportunidades.

A evolução para o final do mundo clássico não está testemunhada em Vila Viçosa, à excepção de um importante documento: a inscrição paleocristã de Azenha das Freiras descrita por Espanca⁴² e cujo contexto seria conveniente averiguar. A sua simples presença indica-nos uma continuidade de povoamento, e eventualmente também na laboração das pedreiras. Se for possível relacioná-la com o suposto ambiente termal descrito pelo autor, será crível supor a transformação do local em basílica paleocristã ou, pelo menos, na existência de um ambiente funerário formal que enquadrasse este testemunho solitário. Outro elemento pertencente a esta época é a peça de encaixe de cancela embutida na fachada da capela de Santiago, cuja proveniência seria curioso averiguar⁴³.

Claro que para a obtenção de uma visão mais profunda do povoamento romano de Vila Viçosa temos ainda muito trabalho de campo. Muitas informações deixadas por Espanca não puderam ser confirmadas, faltando em alguns casos já a memória toponímica, não correspondente com a paisagem actual. Extensas áreas apresentam um incómodo vazio, sendo que em alguns casos a fertilidade dos solos e a densidade da rede hidrográfica fazem supor que existam unidades

⁴² 1983: 78; ver também Alves Dias & Gaspar, n.º 110 e Wolfram, 2011: 295.

⁴³ Conta-se que foi encontrada juntamente com sepulturas revoltas no local; sendo assim, sob o actual templo poderia encontrar-se um edifício de culto paleocristão, o que seria um indicador muito interessante para o local, hoje na periferia de Vila Viçosa. Primeira notícia em Caeiro (1983; estudada em Wolfram, 2011: 286).

de povoamento não identificadas. E sobretudo urge realizar prospecções em torno de Bencatel e de Pardais, confirmando as informações de Espanca, construindo uma nova noção da rede de sítios, percebendo as descontinuidades existentes ou as eventuais presenças de áreas de ocupação diferenciadas ou complementares. Desta forma é necessário superar os vazios e modo a perceber o que efectivamente se passou no *pagus marmorarius* calipolense, seguramente uma das mais originais manifestações de uma estratégia de povoamento muito específica e original.

Bibliografia

- Alarcão, Jorge de (1968) Vidros romanos de Museus do Alentejo e Algarve. *Conimbriga* VII, Coimbra, p. 7-39.
- Almeida, Fernando de (1964) Uma inscrição inédita, dedicada à deusa Salus. *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. 5, p. 454-459.
- Alves Dias, Maria Manuela & Gaspar, Catarina (2006) *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa, Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa.
- Caeiro, José Olímpio (1983) – Três elementos arquitectónicos medievais do Alentejo. *Al-Madan*. I.ª série, n.º 1, p. 14-15.
- Carneiro, André (2009-2010) A cartografia dos cultos religiosos no Alto Alentejo em época romana: uma leitura de conjunto. *Hispania Antiqua* n.º 33-34, p. 237-272.
- Carneiro, André (2011) *Povoamento rural no Alto Alentejo em época romana. Vectores estruturantes durante o Império e Antiguidade Tardia*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidade de Évora, 2 volumes [poli-copiado].
- Espanca, Pe. J. J. da Rocha (1983) *Memórias de Villa-Viçosa*. (Cadernos Culturais de Vila Viçosa no 1 a 35), Vila Viçosa, Câmara Municipal de Vila Viçosa [1.ª ed. 1885].
- Frade, Helena & Caetano, José Carlos (1993) Ritos funerários romanos no nordeste alentejano. *Actas do II Congresso Peninsular de História Antiga*. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 847-873.
- IRCP = Encarnação, José d' (1984) *Inscrições Romanas do Conuentus Pacencis*. Coimbra, IAFLUC.
- Lambrino, Scarlat (1967) Catalogue des inscriptions latines du musée Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*, Série III, n.º 1, p. 123-217.
- Nolen, Jeannette U. Smit (1985) *Cerâmica comum de Necrópoles do Alto Alentejo*. Vila Viçosa, Fundação da Casa de Bragança, 1985.
- Pires, Antonio Thomaz (1901) *Catálogo do Museu Archeologico de Elvas*. *O Arqueólogo Português* VI, p. 209-236.
- Reis, Maria Pilar (2004) *As termas e os balneários romanos da Lusitânia*. (Studia Lusitana 2), Mérida, Museo Nacional de Arte Romano.
- RP = Alarcão, Jorge de (1988) *Roman Portugal*. Londres, Warminster, & Phillips.
- Saa, Mário de (1956-1967) *As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio*. Lisboa, Ed. do Autor, 6 volumes [Tomo I, 1956; Tomo II, 1957; Tomo III, 1960; Tomo IV, 1963; Tomo V, 1964; Tomo VI, 1967].

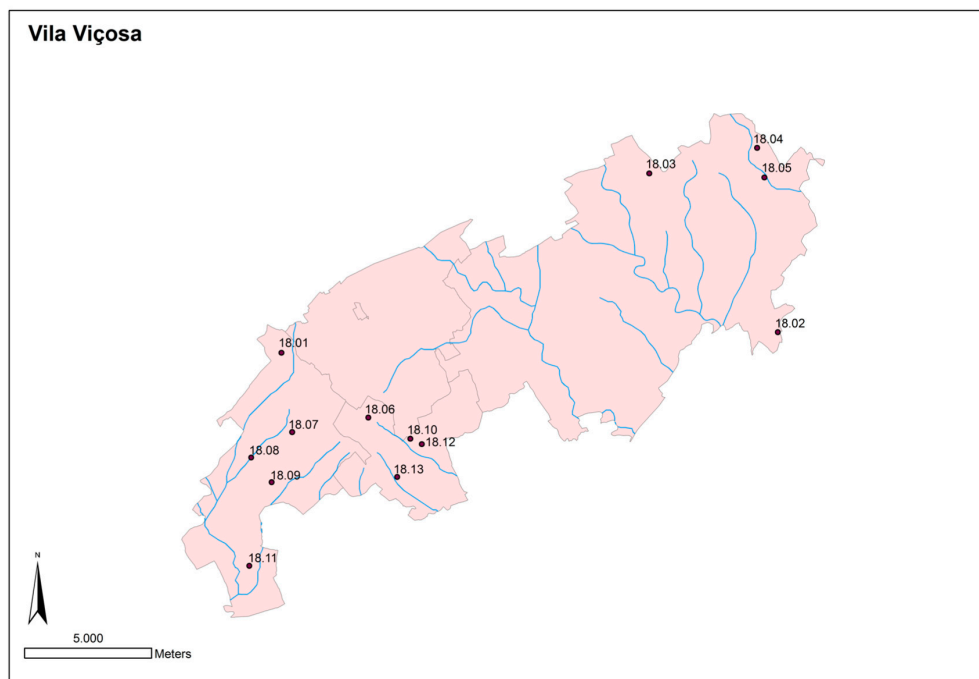
Wolfram, Mélanie (2011) *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitania. Arqueologia – Arquitectura – Epigrafia*. Dissertação de doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia apresentada à FLUL/Université Paris IV Sorbonne, 3 volumes [policopiado].

Vasconcellos, José Leite de (1905) *Religiões da Lusitânia*. 2o vol., Lisboa, INCM [reimp. 1989].

Viana, Abel (1953) Notas de Arqueologia alto-alentejana. Cerâmica luso-romana do Museu Arqueológico de Vila Viçosa. *A Cidade de Évora*, ano X (33-34), Jul.-Dez., p. 235-258.

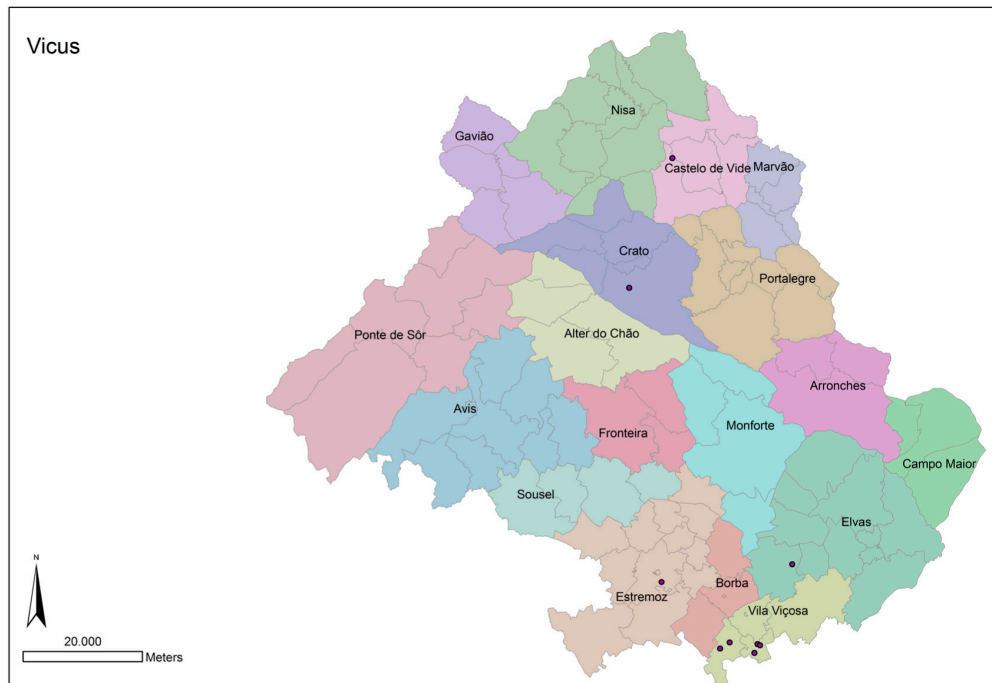
Viana, Abel & Deus, António Dias de (1955) Nuevas Necrópolis celto-romanas de la region de Elvas (Portugal). *Archivo Español de Arqueologia*, Vol.28, p. 33-68.

Imagens



1. Sítios romanos no actual concelho de Vila Viçosa

Um Primeiro Olhar sobre o Povoamento Romano no Concelho de Vila Viçosa



**2. Sítios considerados como possíveis *vicus* no Alto Alentejo (Carneiro, 2011).
Aos referenciados em Vila Viçosa juntam-se: Barragem da Póvoa (Castelo de Vide);
Chocanal (Crato, com epigrafia); Monte da Nora (Elvas); Senhora dos Mártires (Estremoz)**



3. Marcas de extracção romana na pedreira de Lagoa: em primeiro plano, negativos de cunhas; em segundo plano, negativo de extracção de um possível sarcófago.



4. Elemento paleocristão embutido na Igreja de Santiago em Vila Viçosa